



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



FOTONOVELAS: INSTRUMENTO PARA EDUCAR E INSTRUIR MULHERES NAS DÉCADAS DE 60 E 70 DO SÉCULO XX

Sônia Pinto de Albuquerque Melo [\[1\]](#)

Eixo temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

RESUMO

A fotonovela apresentou seu auge de publicações entre os anos 60 e 70, formando leitoras em diferentes aspectos. Além disso, tal gênero se popularizou e acompanhou o processo de modernização da sociedade, produzindo representações específicas de mulheres, bem como de homens e do amor romântico. Considerando-se tais aspectos, objetiva-se discutir como o referido gênero textual colaborou para educar e instruir mulheres, através da análise do conteúdo de dez edições da Revista *Capricho*, considerando-se as seguintes categorias: fotonovela (Habert, 1974); pedagogia (Cambi, 1999; Soihet, 2000) e representação (Chartier, 2001). Com isso, espero contribuir com a discussão de que as leituras de lazer repercutiram no universo de suas leitoras através de uma pedagogia que lhes forneceu instrumentos de uma educação extraescolar.

Palavras – chave: Educação Feminina. Fotonovelas. Instrumento de Educação e de Instrução. Leituras de Lazer. Representações de Leitura.

ABSTRACT

The fotonovela presented its peak of publications between the years 60 and 70, forming readers in different ways. Furthermore, this genre became popular and followed the process of modernization of society, producing representations of women as well as men and romantic love. Considering these aspects, the objective is to discuss how the genre that helped to educate and instruct women through content analysis of ten editions of the magazine *Capricho*, considering the following categories: fotonovela (Habert, 1974), pedagogy (Cambi, 1999; Soihet, 2000) and representation (Chartier, 2001). With this, I hope to contribute to the discussion of the readings leisure impacted the world of her readers through a pedagogy that provided them with an education extraescolar instruments.

Keywords: Female Education. Photonovels. Instrument of Education and Instruction. Readings Leisure. Representations of Reading.

INTRODUÇÃO

A pretensão em discutir as representações de fotonovelas presentes em revistas consideradas femininas que circularam no país entre as décadas de 60 e 70 do século XX [\[2\]](#), justifica-se pelo intuito de conhecer como esses impressos permitiram o acesso a uma educação (in) formal, instruindo seu público leitor, especificamente, o feminino, através de uma Pedagogia que lhe era peculiar.

Neste estudo, as fotonovelas são compreendidas a partir das orientações, imagens, enredos, lições de moral, enfim, como meio de formação que permitem um conjunto de práticas e são portadoras de uma Pedagogia de ser, de se comportar, de viver, de escolher e de amar, operando, assim, um papel central na vida social de suas leitoras, permitindo “formar o indivíduo socializado e operar essa formação através de múltiplas vias institucionais e múltiplas técnicas” (CAMBI, 1999, p. 23).

O marco temporal se explica pelo fato de, apesar de as revistas de fotonovelas começarem a circular ainda na década de 50 do século XX, atingindo seu público-alvo com histórias românticas, foi na década de 60 que alcançaram o ápice, ao mesmo tempo em que houve uma efervescência da cultura nacional – Bossa Nova, construção de Brasília, Cinema Novo –, fazendo com que as revistas passassem a ser consideradas veículos legitimados para a publicidade. Posteriormente, no final de 70, assumiram outros modelos, em razão das novelas televisivas, e transformaram-se em publicações direcionadas a jovens; outras passaram a se dedicar a noticiários e a diferentes temáticas.

Evidencio ainda que este foi um período marcado por transformações culturais, sociais e comportamentais, além de sê-lo de efervescência do mercado de fotonovelas. Por conseguinte, objetivo, primordialmente, investigar como os efeitos dessas mudanças foram vividos e como atuaram na constituição de leitoras de fotonovelas que viveram nestas décadas, cujas fotonovelas serviram de instrumento de educação e instrução, contribuindo para o processo de formação educacional não-formal de suas leitoras.

FOTONOVELAS E LEITORAS: UMA HISTÓRIA DE AMOR À ESPERA DE UM FINAL FELIZ

As fotonovelas, conhecidas como imprensa do coração, podem ser consideradas “produto de uma indústria cultural e [que] veiculam conteúdo consumido cotidianamente por um grande público” (HABERT, 1974, p. 17). Com enredo melodramático, herda do cinema e dos congêneres do rádio e da televisão as temáticas alusivas a discussões amorosas, traições e mal-entendidos; os personagens caracterizados como heróis, vilões e vítimas; a divisão do mundo entre ricos e pobres; a visão maniqueísta; além de um moralismo e desfecho traçado pelo destino.

Tais impressos nasceram, abordando, por título, um único tema e, posteriormente, passaram a focalizar vários deles. Nesse ínterim, vários modelos de revista surgiram, entre os quais, os de fotonovelas. Estas foram criadas nos estúdios italianos de Cinecittá logo após a Segunda Guerra Mundial, na Itália, em razão de problemas financeiros para difundir o cinema.

No Brasil, as revistas de fotonovela apareceram na década de 50 do século XX. Entre as décadas de 60 e 70, houve um período de maior circulação, ficando em segundo lugar na procura pelos leitores, perdendo apenas para as revistas de quadrinho infantis[3].

Postas, neste estudo, não apenas como veículo de informação, mas principalmente de formação de suas leitoras, posto que havia nas fotonovelas mensagens, concepções de vida, de mulher, de homem, de amor, enfim, de uma Pedagogia peculiar, nos enredos das histórias analisadas foram recorrentes ações e comportamentos esperados e valorizados da boa esposa, da mãe dedicada e da mulher moderna, que consome (mas não compulsivamente), sabe relacionar-se com si mesma e com os outros, manter a virtude, desenvolver a generosidade, a tolerância e a gentileza, entre outros atributos.

Os enredos analisados ocuparam, predominantemente, entre 30% e 40% dos impressos em que as fotonovelas foram publicadas, consoante quadro a seguir:

QUADRO I – Relação entre Fotonovelas e percentuais de páginas nos impressos

TÍTULO DA FOTONOVELA	ANO DE PUBLICAÇÃO	EDIÇÃO	PERCENTUAL DE PÁGINAS OCUPADAS
Até breve, amor	1960	103	33%
O amor de uma noite	1964	150	32%

Uma mulher muito amada	1966	167	47%
O amor que não morreu	1966	176	40%
Traição por amor	1968	213	56%
Um anjo em meu caminho	1969	218	30%
Felicidade proibida	1969	218	22%
O drama da professôra	1971	271	48%
Uma flor no inferno	1971	281	23%
Remorso	1971	281	24,5%
A vingança de Anne	1974	344	36%
O anjo loiro	1975	375	31,5%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de levantamento e análise de dados.

Nas doze histórias analisadas, apenas três obtiveram percentual inferior a 30% e uma, superior a 50%, ficando grande parte (oito) entre 30% e 50%, considerado um quantitativo significativo para uma história publicada em um impresso de grande circulação.

Em tais enredos, a mulher era posta como ser responsável por manter a união da família e a satisfação matrimonial, evidenciando que, apesar da ampliação das possibilidades de consumo, informação e entretenimento, havia uma distinção nítida entre os papéis femininos e masculinos impostos socialmente.

Nas histórias analisadas para a construção deste artigo, percebi que foi unânime a apresentação sinóptica dos personagens, enredo, contextualização do ambiente, espaço, tempo e alguns elementos necessários para a compreensão da história logo no início da trama.

Nelas, está presente uma Pedagogia que ensina às leitoras responderem pelos erros e acertos, conduzindo-as ao fracasso, ou a felicidade, a depender das ações perpetuadas no decorrer de suas vidas, representadas no mundo da ficção através das referidas histórias, mas que as interlocutoras encontram-se como protagonistas de muitas delas, vivenciando as cenas, positiva, ou negativamente.

Outro aspecto também evidenciado nos enredos ora analisados foi o fato de haver uma preocupação marcante com a profissionalização da mulher e o sonho de muitas famílias em valorizar o capital intelectual (BOURDIEU, 2005) – cujo discurso dialoga com o quantitativo significativo de cursos ofertados nos impressos analisados – fazendo, para isso, quaisquer sacrifícios para a obtenção dos diplomas, a fim de alcançarem uma carreira legitimada e, conseqüentemente, melhores oportunidades de emprego legitimados ao sexo feminino.

Questões morais foram recorrentes e, praticamente, postas como um apelo indispensável à vida cotidiana. Conforme especifica Dewey (2007):

A conduta moral diz respeito, nada menos à totalidade do caráter, e a totalidade do caráter é idêntica ao homem em todas as suas realizações e manifestações concretas. Possuir virtude não significa ter cultivado uns poucos traços nomeáveis e exclusivos, e sim tornar-se o que se é capaz de vir a ser, profunda e adequadamente, por meio da associação com os outros, em todas as funções da vida (DEWEY, 2007, p. 127).

Assim sendo, compreendo que a conduta moral é de extrema valia para o ser humano alcançar êxito não apenas no processo educacional, mas também na própria vida. Nos enredos, explícita, ou implicitamente, a punição era resultante da prática de erros e a bonificação ocorreria a partir de práticas socialmente (im) postas como corretas moralmente – o que permite compreender que a conduta moral é de extrema valia para se alcançar êxito não apenas no processo educacional, mas também na própria vida.

Este tema estava presente, principalmente, nos debates de questões conjugais. Neles, a ideia de felicidade plena somente ocorreria através da univocidade entre marido, esposa e filhos. Por isso, a representação da ideia de que a felicidade conjugal somente se concretizaria através da constituição familiar, com a presença de marido, esposa e filhos, perpetuando a missão destinada à mulher – esposa, mãe e “rainha” do lar, preferencialmente. A profissionalização era estimulada, desde que não “atrapalhasse” a harmonia da tríade já consolidada à mulher, a qual precisaria, em primeira instância, preocupar-se em fazer seu cônjuge feliz.

A verdade, posta como elemento necessário para se alcançar a felicidade, foi outro ponto valorizado nos enredos analisados como essencial no processo de formação da mulher, já que a conduta, quando não bem intencionada, pagava-se um preço: a infelicidade, pois a mentira seria descoberta, por mais que os planos estivessem bem arquitetados; por esta razão, a única maneira de encontrar a felicidade seria agir coerentemente, reconhecer os erros e atuar conforme o código moral estabelecido socialmente.

Assim sendo, tal Pedagogia recorre a temáticas de padrões morais a serem seguidos, para alcançar a felicidade, negando e/ou condenando, de forma frívola, a separação, o adultério, o divórcio, enfim, práticas “imorais”. Caso praticadas pelas mulheres, faziam com que estas fossem alvo de preconceitos sociais, em especial, das famílias[4].

Em contrapartida, o acesso às fotonovelas fazia seu público leitor transcorrer para suas vidas o mesmo ideal de final feliz das histórias lidas; por isso, às leitoras era ensinado constantemente, em tais enredos, padrões de conduta social, moral e física.

Neles, a mulher é vista como ser responsável por manter a união da família e a satisfação matrimonial, evidenciando que, apesar da ampliação das possibilidades de consumo, informação e entretenimento, havia uma distinção nítida entre os papéis femininos e masculinos.

Outro aspecto relevante observado nas histórias analisadas foi o fato de que a mulher ideal seria aquela preocupada em cuidar do lar, cônjuge, filhos, além de ser portadora de características consideradas próprias da feminilidade, quais sejam: singeleza, integridade, candura, paciência, instinto materno.

Saliento ainda que muitas eram as opções de práticas de leitura nessas revistas, cujas regras e valores eram (im) postos, implicitamente, nas narrativas, proporcionando representações diversas de uma educação que proporcionava às mulheres terem acesso a novas fontes informativas, visto que essas histórias voltavam-se para:

[...] um tipo ideal de comportamento a ser alcançado. Continuavam, também, cultivando estórias de aristocratas e plebeus – herança do antigo romance de folhetim e o apelo encantatório do “vir a ser”. O tom geral das estórias era de uma moral conservadora: mulher abnegada, fiel, voltada ao lar e considerando o amor como sentimento sagrado. O homem continuava a preencher o estereótipo clássico: bonito, rico, mais velho, às vezes distante. Mas ao final seria terno, dedicado, doce e amaria a heroína até que a morte os separasse (CUNHA, 1999, p. 38).

As histórias demonstravam cenas de romances em que havia sempre um impedimento para o enlace romântico; entretanto, após desencontros e sofrimentos, o mistério dos fatos encerrava-se com o seu desvendamento direcionado à felicidade do casal apaixonado, revelando que, nos conteúdos das fotonovelas ora analisadas, o teor apresentado foi o sentimental – inspirado nos ídolos da televisão e do cinema. Além disso, retratava o cotidiano, sem focalizar problemas sociais, trabalhistas, econômicos, entre outros, apesar de também ser uma forma de representação cotidiana, por captar a realidade, para criar ficção, apresentando os fatos a partir de uma narrativa lógica e direta, ao mesmo tempo em que a associação dos elementos textual e visual permitia às leitoras uma recepção mais subjetiva, favorecendo diversas significações.

As representações das heroínas das fotonovelas analisadas demonstraram mulheres fisicamente, brancas e magras; moralmente, frágeis, singelas, dedicadas e, ao mesmo tempo, decididas a enfrentar quaisquer obstáculos para conquistar a felicidade plena através do amor, posto como sentimento puro e sublime, além de ser o sentimento retratado como temática central nas fotonovelas, ratificando o pensamento de que a ascensão social da mulher e sua felicidade concretizavam-se pelo enlace conjugal.

2. REVISTA *CAPRICH*: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO PROCESSO EDUCACIONAL / INSTRUCIONAL DA MULHER

Observando-se a análise de tais impressos, são notórias algumas alterações contextuais desde o início da década de 60 até o final da década de 70.

No início da década de 60 do século XX, havia um silenciamento para questões que dessem voz às mulheres, pois elas ainda eram extremamente submissas e voltadas ao lar; por esta razão, houve uma predominância de reportagens e de anúncios que as instruíam aos cuidados com o lar e com a família.

Em contrapartida, com o passar do tempo, o contexto histórico revelou que elas buscaram, de forma paulatina, angariar espaço no mercado de trabalho, a fim de alcançar a independência econômica tão almejada por muitas delas. E isso também se encontrava representado nos impressos, e nas histórias das fotonovelas, pois, durante a segunda metade dos anos 60, as mulheres foram convidadas a assumir a existência como seres individuais e autônomos e o grande problema enfrentado por elas foi a crise no casamento e conflitos dentro da família.

Posteriormente, o foco das discussões dos impressos foi a problemática existente na relação conjugal, cuja reclamação predominante aludia à insatisfação com a dominação masculina, dado que o cotidiano entre casais começou a sofrer alterações, pois as mulheres passaram a não mais aceitarem ser vistas como propriedades de seus maridos – o que mostra uma relação com o contexto do movimento feminista, então em voga:

O ressurgimento do movimento feminista no início da década de 1970 marca a mudança mais drástica nos discursos sobre gênero na revista. Essa que usava as noções de “mulher liberada” ou “emancipação da mulher”, aludindo à revolução sexual, era, agora, confrontada com um movimento feminista radical, atuante e mundializado, irradiando dos Estados Unidos e da Europa e invadindo paulatinamente terras brasileiras (PRIORE, 2006, p. 305).

Assim, não raro localizei reportagens que instruíam as leitoras sobre os direitos das mulheres – fossem elas solteiras, casadas, viúvas, ou separadas. É válido lembrar que em 1977 foi aprovada a Lei do Divórcio e muitas mulheres desconheciam seus direitos legais e buscavam se informar através da Revista. Nesta, advogados e jornalistas forneciam informações necessárias para que a mulher conseguisse viver com mais autonomia e tomar decisões para as quais não teve preparação ao longo de sua trajetória / de sua formação / de seu processo instrucional.

A representação do amor estava consoante à inserção do indivíduo em um contexto social, cultural e histórico. Assim, na década de 70 do século XX, mudanças alusivas aos costumes e à vida cotidiana das pessoas denotaram aspectos alusivos a essas alterações: “A pílula e as discussões sobre o aborto, o feminismo e os movimentos de minorias, a progressão das uniões livres, os corpos nus expostos na mídia e na propaganda, enfim, a liberação da palavra e do olhar mudaram a vida das pessoas e sua maneira de ver o amor” (PRIORE, 2006, p. 13).

Por outro lado, apesar de, na década de 70, o país já ter avançado e se tornado mais aberto para direitos da mulher e tornado o diálogo para determinadas questões referentes à virgindade, sexo, legitimidade de direitos civis, inserindo matérias neste viés, criando uma Pedagogia para, mais do que comunicar, instruir, o discurso da Revista buscava preservar, em suas leitoras, a essência do ser mulher, em que os valores

sociais, físicos e morais não sofreram alterações: a boa conduta; o discurso de que o amor extraconjugal não levava à felicidade, mas à promiscuidade.

Assim, mesmo havendo a conquista de direitos, de maior participação na vida social, política e econômica do país, não desobrigaram a mulher da responsabilidade com os afazeres domésticos, que continuavam sendo deveres direcionados a ela.

Quanto ao sexo, ainda nos anos 70, apesar de passar a ser visto de forma desvinculada do casamento e da procriação, apesar de tantos avanços, são perceptíveis algumas permanências, uma vez que os papéis a serem cumpridos pelas mulheres, os valores e as tradições ainda eram valorizados e requeria-se o seu cumprimento pela “moça de família” nas reportagens, anúncios, contos e artigos, uma vez que estava implícito que somente era admissível no casamento, dentro dos parâmetros da heterossexualidade, da monogamia, cujo casal precisaria ter a união legitimada legalmente e abençoada pela Igreja, diga-se de passagem, a Católica.

A mulher precisaria preservar a imagem de “moça de família”: não usaria roupas sensuais, evitaria ficar a sós no escuro com o namorado; era recatada, capaz de enquadrar-se nos padrões da “boa moral”; além de ser bonita, magra, zelar pela felicidade da família – esposa recatada e convalescente; mãe cuidadosa e atenta. Tais valores morais foram postos como incondicionais, inerentes a qualquer mulher que desejasse ser feliz, cuja liberdade concedida, era comedida, dentro dos parâmetros aceitáveis socialmente.

Assim, seções que a instruíam sobre como se sentar, se vestir, se comportar em dadas situações, sobre como administrar o lar em suas diferentes acepções – decoração, culinária, economia, compras, entre outros setores – passaram a ter um sentido pedagógico.

Apesar de toda a mudança, de toda a “nova” maneira de ver a vida, de ver o homem, do movimento hippie, da revolução de costumes, da tendência a um aparente descompromisso, as revistas femininas ainda colaboravam com as permanências: traziam argumentos científicos para comprovar a passividade feminina; a natureza poligâmica masculina e a sentença da infelicidade àquelas que almejavam aderir a um comportamento que divergisse das regras e dos pudores sociais, ou seja, as mulheres que quisessem ser livres, ousadas, não alcançariam a felicidade.

Apesar das mulheres já terem alcançado, ainda na década de 60 do século XX muitas conquistas, entre as quais, o acesso ao anticoncepcional, popularizado no Brasil neste período e considerado uma revolução em prol da mulher, pois sexualidade não mais precisaria ser sinônimo de reprodução, não constatei, em nenhuma das Revistas analisadas menção explícita ao sexo, ou ao prazer, por exemplo, mas constantes referências a obrigações conjugais, missões maternais e familiares, o que permite inferir que o processo de iniciação sexual ainda permanecia um tabu nesses enredos, ainda que fossem destinados ao público feminino.

Concernente às tramas das fotonovelas, presentes nas referidas revistas, em todas as histórias analisadas, os heróis renderam-se à amada, libertando-se de ações que, muitas vezes, comprometiam a moral, optando por agir em conformidade com os bons costumes, para conquistarem suas heroínas pelas boas ações, pelo caráter e pela sinceridade.

Diante disso, a felicidade, nas histórias selecionadas para análise, somente era alcançada a partir do momento da aceitação ao cumprimento aos bons princípios e no momento em que as pessoas eram sinceras, verdadeiras, buscavam não iludir e não ferir o sentimento de outrem. Fato que revelou padrões a serem seguidos pelas suas leitoras, bem como a serem aqueles também os almejados por seus parceiros – os tão sonhados “príncipes encantados” que as leitoras precisavam encontrar e se apropriar de estratégias e táticas^[5] (Certeau, 1994), ensinadas pela Revista, para preservá-los por toda a vida.

As fotonovelas, ao mesmo tempo em que funcionaram como espaços de transformações para a vida de suas leitoras, também o foram de permanências, já que apesar de se priorizar um discurso de mulher

independente, moderna, preparada para alcançar as alterações que a vida moderna lhe proporcionava, ao mesmo tempo, preservava-se também a imagem da mulher quanto às aceções de beleza, independentemente da mocinha, ou da vilã – mulher jovem, branca e magra –, sendo este mais um elemento a ser inculcado: o padrão de beleza a que devia seguir, bem como inserção às aceções de moda e tratamentos para manutenção de uma aparência jovial e bela.

Quanto aos parâmetros necessários para alcançar a felicidade, seria necessário a ela constituir uma família, com marido e filhos, dado que, explícita, ou nas entrelinhas dos discursos presentes – seja nas histórias das fotonovelas, seja em outras seções das revistas analisadas –, percebi a constância de um discurso direcionado à mulher acerca de sua responsabilidade para com os cuidados com o lar, o marido, os filhos, o sucesso do casamento, do noivado, ou do namoro, em um processo constante de formação e de informação destas mulheres.

Dessa maneira, o legado, ou melhor, o peso da felicidade é posto nas “mãos” das leitoras de fotonovelas, e dos impressos femininos, de forma geral, pois caberia a elas saberem se comportar e saberem bem escolher seus parceiros e suas amizades, a fim de terem um final feliz, como nos contos de fada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, busquei compreender as fotonovelas no campo da História Cultural, aliado à abordagem da História da Leitura, através de uma Pedagogia que forneceu a suas leitoras instrumentos de uma educação extraescolar, revelando diferentes modelos femininos que, de certa forma, serviram de inspiração e instigaram-nas a descoberta de “novos” mundos.

Associadas a leituras tipicamente femininas, as fotonovelas tiveram grande circulação entre seu público leitor, predominantemente, durante as décadas de 60 e 70 do século XX, além de ter sido um momento de muitas conquistas femininas, entre as quais: maior acessibilidade à profissionalização, à escolarização e à conquista do espaço público pela mulher (Soihet, 2000).

Por essa razão, foi esse o período delimitado, pois, ao mesmo tempo em que foi considerado um momento de grande crescimento industrial, de consumo e de maior acessibilidade à informação, foi também um momento em que o Brasil vivenciou a restrição a vários setores da sociedade, entre os quais, a censura aos impressos em consequência da instauração do Regime Militar, em abril de 1964.

Em fins dos anos 70, as revistas de fotonovela começaram a entrar em declínio e, ainda assim, na década posterior, ainda era possível encontrar a circulação do referido gênero. Várias foram as razões contributivas para a queda nas vendas: alteração paulatina da postura da mulher referente ao amor e ao casamento; novos padrões de beleza e moda; limitação do gênero como veículo publicitário. Diante disso, a decadência não apenas da fotonovela, mas também da radionovela, pôde estar associada à ascensão da telenovela.

Em contrapartida, diferentemente do que se costuma afirmar sobre fotonovela – de que eram leituras inúteis – as mesmas podem ter contribuído significativamente no processo de formação de seus leitores, neste caso, de suas leitoras, tendo em vista que foi este o seu público leitor mais significativo, na inculcação de hábitos e valores, como também no processo educacional, instruindo-as e educando-as em temáticas diversas, em especial, no que concerne aos padrões de comportamento.

Assim posto, defendo que, nos periódicos analisados, havia uma Pedagogia que visava a instruir a mulher para a moral e os bons costumes, uma vez que, mesmo que eles apresentassem às leitoras as alterações ocorridas no mundo, em diferentes aspectos e contextos e apesar de aceitarem serem receptivos à ideia de emancipação feminina, não deixavam de priorizar valores como integridade, fidelidade e pureza femininas.

Por esta razão, os impressos femininos, em especial, as fotonovelas expressam uma Pedagogia que formavam suas leitoras, fornecendo-lhes padrões de conduta moral e social, bem como fornecer os

estereótipos de beleza a serem incutidos.

Outrossim, destaco a importância deste estudo por contribuir com a pesquisa no campo da História da Leitura aliada à abordagem da História Cultural, além de propiciar possibilidades de novas investigações, para compreender a Pedagogia dos Impressos Femininos, mais especificamente, das Fotonovelas, durante as décadas de 60 e 70 do século XX.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999. (Tradução de Álvaro Lorencini).
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DEWEY, John. **Democracia e educação**: capítulos essenciais. (Tradução Roberto Cavallari Filho). São Paulo: Ática, 2007.
- HABERT, Angeluccia Bernardes. **Fotonovela e indústria cultural**: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Vozes, 1974.
- PRIORE, Mary del. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- SOIHET, Raquel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Berta Lutz. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 15, set/dez 2000, p. 97 – 117.

REVISTAS DE FOTONOVELAS

- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 103, set. 1960.
- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 150, ago. 1964.
- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 167, jan.1966.
- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 176, out.1966.
- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 213, dez.1968.
- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 218, fev.1969.
- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 271, 1971.
- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 281, ago. 1971.
- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 344, jan. 1974.
- CAPRICO. São Paulo: Abril, edição nº 375, mar. 1975.

NOTAS

[1] Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe, Mestre e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Instituição de ensino, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e coorientação do Prof. Dr. Alberto Inácio da Silva. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais e práticas escolares, liderado pelo Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento e pela Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas. Email: sonia.pamelo@hotmail.com.

[2] Para este estudo, especificamente, foram adotadas dez edições da Revista *Capricho* para análise: a edição de nº 103, set. 1960; edição nº 150, ago. 1964; edição nº 167, jan.1966a; edição nº 176, out.1966b; edição nº 213, dez.1968; edição nº 218, fev.1969; edição nº 271, 1971a; edição nº 281, ago. 1971b; edição nº 344, jan. 1974 e edição nº 375, mar. 1975.

[3] Consoante Habert (1974, p. 22), *Capricho*, da Editora Abril, apresentava uma venda média quinzenal de 211.400 exemplares e somente perdia as vendas para *Pato Donald*, *Mickey* e *Tio Patinhas*, cuja média periódica de vendas era de 400 mil exemplares.

[4] Em caso de adultério feminino, a própria legislação assegurava a guarda dos filhos para o pai – o que não acontecia quando o caso fosse contrário.

[5] Segundo Certeau (1994, XLVI), compreende-se por estratégia “um cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’”. Sendo isolado, ele “postula um lugar suscetível de ser circunscrito como um próprio e, portanto, para servir de base para uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A racionalidade política, econômica ou científica se construiu sobre esse modelo estratégico”. Por tática, “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto sobre uma fronteira que distingue o outro como uma totalidade visível. A tática não tem outro lugar senão aquele do outro”. Mais adiante, explica que a tática “não dispõe de base para capitalizar suas vantagens, preparar suas expansões e assegurar uma independência em relação às circunstâncias”.